



Maternidades, assombro e elaboração

uma perspectiva
psicanalítica

Rachele Ferrari

ARTES & ECOS 

Porto Alegre
Artes & Ecos, 2023

Copyright © 2023 Artes & Ecos

CAPA Alcione de Oliveira

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Luísa Zardo

EDITOR Lucas Krüger

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F375m Maternidades, assombro e elaboração:
uma perspectiva psicanalítica
/ Rachele Ferrari
– Porto Alegre: Artes & Ecos, 2023.

ISBN: 978-65-87457-23-9

1. Psicanálise. I. Título.

CDU 159.964.2

Artes & Ecos
contato@arteseecos.com.br

À minha amorosa aldeia primordial. Vocês já
se foram, mas nunca sairão de mim:
Neyda, minha mãe, Giovanni, meu pai, tia
Ocília e *nonno* Epifanio.

Ao Pedro, à Gaya e ao Diego,
Que me ensinaram e me ensinam a matinar,
desde que chegaram à minha vida, trazendo
preciosas transformações.

Ao Alcione, meu amor e meu parceiro na
construção de nossa aldeia.

Agradecimentos

É um privilégio lembrar de quantas boas companhias eu tive ao longo da elaboração da pesquisa que deu origem a este livro, algumas diretamente ligadas ao trabalho da investigação e da construção do texto, outras estiveram nos bastidores, oferecendo suas presenças sempre tão amigas, vibrantes e solidárias.

Agradeço especialmente à minha orientadora Marina Ferreira da Rosa Ribeiro, que com seu rigor, disponibilidade e precisos apontamentos foi fundamental para o caminho desta pesquisa e elaboração deste texto, reconhecendo o nascimento de ideias muitas vezes até antes que eu mesma as tivesse visto. Além disso, sua maestria na condução de nosso grupo de orientação promoveu a construção de um grupo de trabalho especialmente produtivo e colaborador, um campo propício para o nascer das boas amizades que para sempre ficarão.

À Isabel Khan pela presença que tem tido em momentos importantes de meu percurso profissional e pelas valiosas contribuições quando do exame de qualificação.

À Luciana Pires que também durante o exame de qualificação, com interesse e rigor, trouxe reflexões e críticas fundamentais para o prosseguimento da pesquisa e por novamente contribuir com suas ricas questões e reflexões na defesa.

Ao Luis Claudio Figueiredo, minha gratidão por sempre estar por perto, por tanto que tem contribuído com minha formação e prática psicanalítica, seja pela oportunidade de participar de seus seminários de valor inestimáveis, seja como meu supervisor clínico e, ainda, por generosamente ter sido um rico interlocutor em um momento desta trajetória. Sou grata também por me dar a honra de ter feito parte da banca de defesa da tese.

Aos amigos do querido grupo de pesquisa da USP, que colaboram, criticam, vibram, comentam vivamente, me instigam e acima de tudo têm me oferecido uma amizade que não se mede: solidária, continente, divertida, inspiradora e parceira. Presente precioso que este doutorado me trouxe, Ana Fatima Aguiar, Camila Young, Claudia Perrotta, Celina Diaféria, Davi

Flores, Fátima Flório Cesar, Fernanda Parra, Gabriela Lara Macedo, Lívia Bartolomei, Ivy Semiguem de Carvalho, Janderson Silvestre, Maysa Bezerra, Pedro Hikiji, Péricles Machado Jr., Taís Nicoletti e Thaís Mariana Ferreira.

Um agradecimento muito especial às mulheres-mães que aceitaram participar das entrevistas e do grupo de reflexão e às minhas analisandas-mães, pela confiança e por me instigarem a mergulhar nesta investigação. A participação de cada uma delas foi fundamental para que esta pesquisa se realizasse.

À querida Maria Lucia Thibau Guimarães por ter me acompanhado por uma longa jornada, por seguir nas proximidades e vibrando com minhas realizações.

Ao Ignácio Gerber pelo bom encontro, pela escuta sensível, pelas palavras que chegam na hora certa e por ser uma presença inspiradora.

Ao meu marido, Alcione, parceiro da vida, adorável companhia, por estar sempre tão próximo e que, mesmo não sendo da área “psi”, leu pacientemente a tese durante sua elaboração, sempre incentivando, criticando e dando dicas saborosíssimas. Ao seu lado, esse caminho foi mais leve e também muito instigante.

Ao meu filho Pedro, por tanto que tem me proporcionado na vida, por tanto amor, por vibrar, torcer e me inspirar muito com seu jeito tão particular de ser. Gratidão também pela cuidadosa ajuda na revisão do inglês.

À Gaya, filha do coração, que transborda nossa casa de afeto e bom humor, que tem as melhores palavras nos meus momentos mais inquietos. Valeu muito sua presença, sua torcida e suas revisões no meio do caminho.

À minha mãe (*in memoriam*), que adoraria estar junto neste momento, entusiasta de minhas conquistas, pelas preciosas lembranças que me deixou.

Às minhas amigas queridas, que estiveram sempre por perto, cada uma ao seu modo, interessadas em cada etapa do meu percurso, ora apoiando, ora dando sugestões, trocando ideias e, mais que tudo, me oferecendo a verdadeira amizade e as melhores companhias sempre: Lisette Weissmann, Ana Virgínia Francisco, Simone Varandas, Paula Cordeiro Zilio, Camila Junqueira, Camila Flaborea e Gina Tamburrino.

E aos queridos amigos que mesmo não tão próximos, devido às demandas de nossas vidas, permanecem no meu coração e eu sigo na torcida pelo reencontro. Obrigada pela amizade.

Agradeço a Isabel Botter, que teve uma participação bem especial na revisão final da tese.

Sumário

11	Prefácio por Marina F R Ribeiro
15	1. Introdução
23	2. Algumas palavras sobre o método que utilizei em minha pesquisa
31	3. O interesse psicanalítico pelos temas da maternidade e do psiquismo materno e seus desdobramentos no mundo contemporâneo
43	4. A Mulher e a maternidade na história
51	5. Maternidades, tempos e contratempos
58	5.1 Aceleração social, por Hartmut Rosa
69	5.2 Ressonância Afetiva, por Hartmut Rosa
76	5.3 Pensando formas de (de)subjetivação infantil em tempos de aceleração, a partir de Victor Guerra
87	6. Reflexões a partir de Donald Winnicott
105	7. Maternidade, assombro e elaboração
111	7.1 As contribuições de Renné Roussillon acerca do conceito de trauma

116	7.2 O Trabalho Psíquico da Maternalidade / Parentalidade
120	7.2.1 Michel de M'Uzan e Didier Anzieu –o <i>saisissement</i> e o trabalho da criação
125	7.2.2 Renée Roussillon e o trabalho do jogo
129	8. Amor e ódio na experiência da maternidade
130	8.1 A ambivalência em Freud
134	8.2 A ambivalência de base: um conceito de Luis Claudio Figueiredo
142	8.3 A ambivalência materna: um diálogo com Rozsika Parker
161	9. Metapsicologia da Maternidade
175	Referências

Prefácio

Marina F R Ribeiro¹

A vida não espera a gente se sentir pronto.

Guimarães Rosa

Milha filha, se eu te fiz algum mal, me perdoa!

Neyda Ferrari

*De mãe em filha, entre o precioso e o tanático,
entre a força e a vulnerabilidade...é preciso talento.*

Marina F R Ribeiro

Rachele é uma psicanalista-pesquisadora de talento, necessário ao enfrentamento do assombro da experiência da vida, em especial da parentalidade. Podemos nos perguntar: Como uma experiência tão comum, tão cotidiana, tão antiga e tão atual pode nos colocar diante do enigmático?

A vida não espera a gente se sentir pronto, ela acontece, não pede licença, e nos arrasta em um turbilhão de intensas e ambivalentes emoções de amor e ódio, sendo que temos apenas pensamentos imperfeitos para nos organizar diante do espanto das experiências da vida.

A maternidade parece ser uma dessas experiências que nos arrasta e devora, nos encanta e nos atordoa, nos tornando outros, sendo, ainda mais, nós mesmos. Uma experiência que sucumbe a qualquer idealização, a resposta pronta ou a ilusão de certeza; desafia a todos, nos lança no desconhecido.

Lembro de ficar horas olhando minhas filhas gêmeas dormindo no mesmo berço, exausta e encantada com o rostinho delas que já expressava que por ali passeavam emoções, isso me encantava, como era possível ter gerado dois seres? E agora? Conseguiria dar conta de um desafio tão grande? Talvez o maior dos desafios e dos enigmas humanos: gerar e criar um outro ser, uma experiência arrebatadora.

“Milha filha, se eu te fiz algum mal, me perdoa!”

¹ Psicanalista, Profa. Dra. IPUSP.

Minha mãe, me perdoa se eu te fiz algum mal! De mãe em filha, de filha em mãe, no trânsito constante pelas ambivalências, amor e ódio, ao longo das gerações, é preciso talento e capacidade de reparação e gratidão pelo que foi possível, pois a vida se trata sempre daquilo que foi possível; os ideais são pensamentos doentes de humanidade. A tese de Rachele se conecta a minha tese² por caminhos diversos e fraternos, no qual a capacidade de fazer genuínas reparações é fundamental. Podemos pensar que a construção de uma tese também faz parte de um processo de reparação, de elaboração das questões que nos habitam e que são habitadas por nós.

Penso que um orientador é aquele que ajuda a nascer bebês/ideias, um parceiro de textos e pensamentos, um catalizador de processos de metabolização de questões fundamentais ao pesquisador-psicanalista. Sendo que o nascimento é uma alegria que dói³, ou seja, há o atravessamento de dores e prazeres durante a elaboração de uma tese.

Entre Rachele e eu, existe uma relação fraterna, fomos orientandas do Luís Cláudio Figueiredo na PUCSP. Na ocasião, ela estava no mestrado, e eu no doutorado. Rachele imaginou que eu poderia ser sua orientadora, minha primeira doutoranda, marcando um tipo de nascimento que se realiza no texto deste livro. Uma irmã-parceira de trabalho extremamente presente e colaboradora, que agora faz parte de uma aldeia de pesquisadores que vai crescendo e fazendo nascer novas pesquisas⁴, na delícia e na dor de qualquer processo de criação: um filho, um texto.

Assim como precisamos de uma aldeia para criar nossos filhos, também precisamos de uma aldeia para criar uma tese a partir do assombro e do arrebatamento que podem nos causar uma experiência ou uma ideia. Nossa aldeia é nosso grupo de pesquisa, sendo que os textos são frutos/filhos de um grupo de trabalho potente e colaborativo. A força do pensamento de um grupo/aldeia é impressionante; um texto/criação é fruto de uma comunidade de pertencimento e de trocas, um filho, também.

Rachele trabalha com textos e conceitos que não são comumente usados para a compreensão da vivência da maternidade, tornando este livro singular dentro de uma vasta literatura psicanalítica sobre a maternidade. Percorre autores como Michel de M'Uzan, Didier Anzieu, René Roussillon, Luís Cláudio Figueiredo, entre outros.

2 *De mãe em filha. A transmissão da feminilidade*. Tese de doutorado PUCSP, 2009.

3 Nascer é uma alegria que dói, faz parte de um poema de Eduardo Galeano: "A pequena morte".

4 O grupo de pesquisa faz parte do LipSic (Laboratório de Estudos da Intersubjetividade e Psicanálise Contemporânea - IPUSP-PUCSP)

A autora apresenta uma excelente articulação teórica-clínica à temática da maternidade, desenvolvendo com originalidade os aspectos clínicos, articulados com um arcabouço teórico, construindo um pensamento psicanalítico consistente e inovador, com a elegância que é própria ao seu texto e a sua pessoa. Rachele trabalha com ideias, conceitos e textos inéditos para pensar a experiência da maternidade, propondo ao final, o nascimento de um novo conceito psicanalítico: a metapsicologia da maternidade.

Além disso, este é um livro que pode ser lido por mulheres-mães não psicanalistas, pois sua linguagem é clara, acessível e implica o leitor nos seus relatos clínicos das dores e delícias dos processos de maternalidades.

Aos que se aventurarem por essas páginas encontram a vitalidade de um pensamento psicanalítico sobre a vivência da maternalidade, um texto-contidente para essa alegria que dói: nascer.

Marina F R Ribeiro
Vinhedo, novembro de 2022

1. INTRODUÇÃO

But it is no merely a taboo against complaint that makes the hardship of motherhood inadmissible: like all loves this one has a conflicted core, a grain of torment that buffs the pearl of pleasure;[...] this conflict has no possibility of resolution.¹

Rachel Cusk

Nos últimos sessenta anos, assistimos a uma onda de transformações nos papéis femininos e, conseqüentemente, na família. Além de inúmeros direitos civis e sociais², como a consolidação de inserção no mercado de trabalho e o direito ao divórcio, o advento da pílula anticoncepcional foi um marco dentre essas mudanças e naquelas que estariam por vir. Entre tantas renovações, observamos nas mulheres, também, novas formas de viver a maternidade. Há espaço para renunciar a essa experiência e é possível evidenciar a ambivalência emocional diante de se tornar mãe. Os conflitos entre a vida da mulher de modo mais amplo – carreira profissional, relacionamento amoroso, relacionamentos sociais, engajamentos políticos, projetos pessoais – e a maternidade estão mais expostos e podem, portanto, ser endereçados e tratados. Enfim, o sofrimento psíquico que esse evento da vida produz – seja quando ele de fato ocorre, seja quando transita no plano das ideias –, parece ter maior expressão hoje do que nos tempos em que ser mãe era o destino óbvio para toda mulher e associar maternidade a dores era um tabu.

Sabemos que a chegada de um bebê na vida do casal pode mobilizar sentimentos de engrandecimento, de continuidade, de sentir-se potente em criar a descendência, além do próprio encantamento que o bebê produz e as identificações dos pais com o recém-chegado, nas memórias inconscientes deles próprios quando bebês. Nesse cenário, estados psíquicos primitivos também são evocados, perturbando a organização psíquica e demandando muito trabalho interno, como veremos ao longo deste texto.

- ¹ Mas não é apenas um tabu contra a reclamação que torna inadmissível o sofrimento da maternidade: como todos os amores, este tem um núcleo conflitante, um grão de tormento que lustra a pérola do prazer; [...] este conflito não tem possibilidade de resolução (em tradução livre). *Cusk, R. A Life's Work: on becoming a mother.U.K: Faber and Faber, 2008, p. 142.*
- ² Todos essenciais e decisivos para a sociedade, mas sabemos que ainda há muito a ser conquistado.

Isso tudo se soma, ainda, aos intensos cuidados objetivos que um recém-nascido requer e à nova organização que se impõe na rotina da família, missões nada fáceis de serem enfrentadas.

Pai e mãe vivem turbulências, mas cada um é mobilizado de modo muito singular. O pai, em seu lugar de construção da parentalidade, está às voltas com as representações sociais de ser pai, com a paulatina adaptação ao filho (sem a experiência que já teve a mãe com a gravidez³) e com a reorganização do laço conjugal, agora formando uma família com filho(s). A mulher viverá situações semelhantes, mas com a especificidade de que a gravidez se dá no seu corpo, em seu psicossoma, mobilizando inúmeros conteúdos e afetos que muito nos interessa compreender.

O interesse por esse tema de pesquisa nasceu de minha clínica com jovens mulheres que, de alguma forma, estavam às voltas com problemas relativos à maternidade: algumas estavam se tornando mães ou traziam como questão a decisão sobre vir a ter um filho; outras já tinham filhos e sua questão era que suas vidas haviam sido viradas de cabeça para baixo com a chegada da maternidade. Contavam que não sabiam mais quem eram, se assustavam com a absoluta dependência do bebê, com a falta de espaço íntimo para si mesmas e com a presença simultânea de sentimentos hostis e amorosos tanto em relação ao filho quanto à própria maternidade. O impacto dessa mudança em suas vidas tinha a expressão de um choque, uma comoção psíquica.

O presente livro é fruto de minha tese de doutorado, defendida no Instituto de Psicologia da USP, em junho/2022⁴. Nesta pesquisa, investigo esses estados emocionais, acima mencionados, vividos pela mulher na experiência da maternidade, especificamente um determinado perfil de mulheres, que foram as fontes para minhas reflexões e sobre as quais falarei a seguir.

O percurso metodológico será detalhado no capítulo 2, mas adianto que toda a argumentação aqui desenvolvida surge de reflexões a partir da minha escuta dessas mulheres, tanto na clínica quanto em entrevistas abertas individuais e em um grupo de reflexão que realizei na primeira etapa desta pesquisa.

Tais mulheres tinham entre 25 e 40 anos de idade, viviam em centros urbanos e haviam tido ótimas oportunidades em suas vidas, tanto no que

3 Considerando os casos em que a mãe gestou a criança.

4 Sob orientação da Profa. Marina Ribeiro.

se referia ao campo acadêmico e profissional, quanto a atividades culturais e de lazer, tendo conquistado autonomia e liberdade econômica e pessoal. Vários aspectos das análises aqui desenvolvidas podem se ampliar para além deste recorte, mas esclareço a origem de minhas inquietações.

Ao longo deste livro será analisada a proposta de que a entrada na maternidade⁵ precisa ser caracterizada como uma situação com potencial traumático⁶. Irei investigar como e por que se trata de uma situação com potencial traumático, avaliar quais as condições necessárias do entorno da mãe para que esse trauma seja transformado e, assim, sejam reduzidas as chances de se estabelecer uma patologia.

Acredito na possibilidade de reconhecer os desafios da maternidade nesse contexto especificado, dando maior visibilidade aos modos de viver e sofrer essa experiência e pensar como manejar os impasses que se evidenciam.

Vale destacar que analisarei os modos de viver e sofrer a experiência da maternidade, porém sem dar foco à psicopatologia e sim ao que parece ser próprio, de modo amplo, de quem passa por essa vivência.

Para compor este alicerce teórico, será necessário considerar também os modos de subjetivação característicos dos tempos atuais e suas implicações tanto para o exercício da maternidade e da paternidade, como para a constituição psíquica do novo ser.

No capítulo 3, iniciarei com uma apresentação acerca do interesse psicanalítico pelo tema da maternidade e do psiquismo materno. Veremos que, a despeito de as primeiras vozes sobre o tema datarem do início do século XX, levou um longo tempo até que a psicanálise colocasse em questão o que, ao final da tese, nomeio de uma metapsicologia da maternidade. E, como ficará claro ao longo deste livro, há ainda um vasto campo de estudo a ser investigado nesta seara. Neste capítulo, apresentarei o conceito de “maternalidade”, proposto por Racamier (1961), “um conjunto de processos psicoafetivos que se desenvolvem e se integram na mulher durante a maternidade”. (Racamier, 1961, p. 166, tradução minha)

Em seguida, no capítulo 4, vamos acompanhar um recorte de pesquisas dos filósofos e historiadores Badinter (1980/1985 e 2010/2011), Ariès (1981)

5 Na verdade, a entrada na parentalidade, mas o recorte de nossos estudos é a mãe.

6 Como veremos no capítulo 7, Regine Prat (2008 e 2019) refere-se a tal situação como traumática. Prefiro referir-me a ela como tendo um potencial traumático, pensando na abertura e na expansão que pode advir dessa experiência, dependendo dos apoios e auxílios com os quais se poderá contar.

e Lipovetsky (1997/2000) que delineiam os lugares da mulher na sociedade ocidental, desde a Idade Média até os dias de hoje. Eles analisam o surgimento do sentimento de infância e a história dos cuidados maternos e sua relação com o amor materno. Esse olhar panorâmico sobre a história nos faz colocar em perspectiva ideais ainda tão reverberados atualmente⁷ acerca das funções maternas como intrinsecamente relacionadas a uma suposta natureza feminina.

Uma vez que esta pesquisa está atenta aos modos de viver a maternidade no mundo contemporâneo, elegi um pensador que estuda especificamente este momento histórico, chamado por ele de Modernidade Tardia, para situar em que mundo(s) vivem as mulheres e os homens que se tornam pais na atualidade. O sociólogo alemão Hartmut Rosa (2005/2019) faz um exaustivo estudo sobre a transformação das estruturas temporais na modernidade, propondo que vivemos numa lógica de aceleração social. Ele afirma que a tecnologia nos permitiu ganhar grandes quantidades de tempo, mas isso não fez, ou faz, nos sobrar tempo. Pelo contrário: nossas vidas estão cada vez mais repletas de demandas, prazos e informações a serem processadas. A sensação constante é a de falta de tempo.

Esse estilo de vida leva, segundo Rosa (2005/2019), à alienação, que é compreendida como um modo de relação no qual sujeito e mundo se colocam intrinsecamente desconectados. As experiências não fazem sentido. São modos de relação que se calam para nós ou mesmo nos ameaçam. Segundo ele, a alienação contemporânea está diretamente relacionada à pressão temporal de que padecemos.

Em resposta ao conceito de alienação, o autor propõe um contra conceito, o de ressonância, ideia que dialoga muito com a psicanálise e com o cenário que penso ser necessário para que o exercício da parentalidade ocorra dentro do que Figueiredo (2018, p. 32) nomeia como “processos de saúde”.

Com Rosa, pensarei sobre os tempos e contratempos na experiência da maternidade e sobre os efeitos do tempo acelerado da Modernidade Tardia no psiquismo dessas mulheres que se tornam mães.

Dialogando com o pensamento de Rosa, sigo com o psicanalista uruguaio Victor Guerra (2018), que analisa as formas de (de)subjetivação infantil em tempos de aceleração. O autor relaciona as expressões sintomáticas

7 Ainda que em alguns contextos isso venha sendo com frequência problematizado, como citaremos em alguns momentos desse texto.

atuais na clínica da infância e primeiríssima infância com as modalidades de presença das figuras parentais, nesse cenário de aceleração no qual elas próprias vivem experiências de alta demanda, solidão e desamparo. Seu pensamento enriquece a argumentação pois contribui ao entendimento da subjetividade materna nesta Modernidade Tardia descrita por Rosa. Guerra também se dedica a pensar a clínica da perinatalidade/parentalidade, assunto que será referido em vários momentos deste trabalho.

Até aqui, portanto, procurei deixar clara minha posição acerca dos determinantes do mal-estar que vivem os pais, especialmente a mãe, tema central da pesquisa. Para além do intrapsíquico e intersubjetivo, é fundamental interpretar o contexto social e cultural em que estão inseridos. Este trabalho de interpretação do contexto, desde o tempo acelerado da Modernidade Tardia até suas consequências nas subjetividades dos pais e das crianças, será desenvolvido no capítulo 5

O capítulo 6 é dedicado a pensar o psiquismo materno e o entorno da mãe, a partir das ideias de Winnicott. Ao abordar a maternidade, os cuidados maternos, o psiquismo da mulher que vive a experiência da maternidade, o autor inglês é certamente um teórico que me instigou a um necessário debate.

Toda sua obra coloca no centro as relações primordiais mães-bebês: a mãe é essencial para sua teoria do desenvolvimento emocional, o primeiro ambiente do bebê. A partir das próprias indicações do autor, vou demonstrar que o amor materno a que Winnicott se refere – e do qual depende o desenvolvimento de qualquer sujeito – pode e deve ser compartilhado com o ambiente mais próximo da dupla mãe-bebê. É o que ele chama de *setting social* (Winnicott, 1965a, p. 37)

A mãe devotada comum, referida por Winnicott, também vive o trauma, o assombro, as turbulências, a ambivalência, a culpa etc. A esse respeito, destaco um texto precioso em sua obra, “O que irrita” (Winnicott, 1999), em que o autor dá voz às mães – sua irritabilidade, seus desgostos e incômodos com a maternidade –, e legitima o sofrimento vivido por elas. Ao longo do texto, fica bastante claro o quanto ele aposta nesse acolhimento como transformador.

Ao abordar todo esse mal-estar, convido o leitor a refletir sobre os cuidados maternos para além da mãe em duas pequenas vinhetas. Estas histórias, de uma incrível delicadeza, nos farão ver como isso ocorre em nosso entorno e merece ser reconhecido e integrado no cotidiano.

O passo seguinte deste trabalho é pensar sobre o assombro que a maternidade produz. Acompanhada das contribuições de Leopoldo Nosek (2017), proponho que, diante de eventos inéditos da vida, é preciso buscar novas respostas; e que, para viver algo novo e aprender com isso, é preciso assombrar-se, é preciso se deixar afetar por essa nova situação, ser tomado pelo assombro, pelo espanto e confiar no que poderá advir, daí em diante. A partir de uma vinheta clínica em articulação com as ideias de Regine Prat (2008 e 2019), Nosek (2017) e Roussillon (2019), o capítulo 7 apresenta uma discussão sobre o impacto da entrada na parentalidade, especialmente na maternidade, tomada como uma situação com potencial traumático e compreendida como um momento de intensa exigência de trabalho psíquico. O texto enfatiza as condições que precisam ser atendidas para que se processem as mudanças psíquicas no sentido da integração e da apropriação subjetiva, nos termos de Roussillon (2019).

Em seguida, analisarei os trabalhos psíquicos que precisam ser acionados na entrada da parentalidade. Michel de M'Uzan (1964), Didier Anzieu (1981) e Roussillon (2019) serão interlocutores fundamentais para minha argumentação.

Tendo caminhado até aqui analisando a experiência da maternidade como uma situação com potencial traumático e os caminhos para sua possível elaboração, passamos ao capítulo 8, no qual abordo a ambivalência de sentimentos na experiência da maternidade.

Destacarei importantes passagens na obra freudiana em que o conceito da ambivalência aparece, indicando sua relevância para compreender a constituição psíquica e, no que tange a esta pesquisa, o psiquismo materno.

Ainda no capítulo 8, proponho um diálogo com um texto recente de Luis Claudio Figueiredo (2021c) em que ele apresenta o conceito de ambivalência de base, a partir de sua leitura de Freud, Klein, Abraham e especialmente José Bleger. Figueiredo sugere que a ambivalência de base está nas raízes de todas as formas e modalidades de criatividade: “Trata-se da posição subjetiva em que a condição trágica a que a ambivalência de base condena a existência humana pode se transformar em criação, sublimação e reparação.” (Figueiredo, 2021c, p. 3). Um ponto que entendo fundamental é pensar justamente a ambivalência materna e sua relação com a criatividade.

Finalizamos esse capítulo com as contribuições de Rozsika Parker (1997) acerca da ambivalência materna, a partir de seu livro *A Mãe dividida*: